



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA

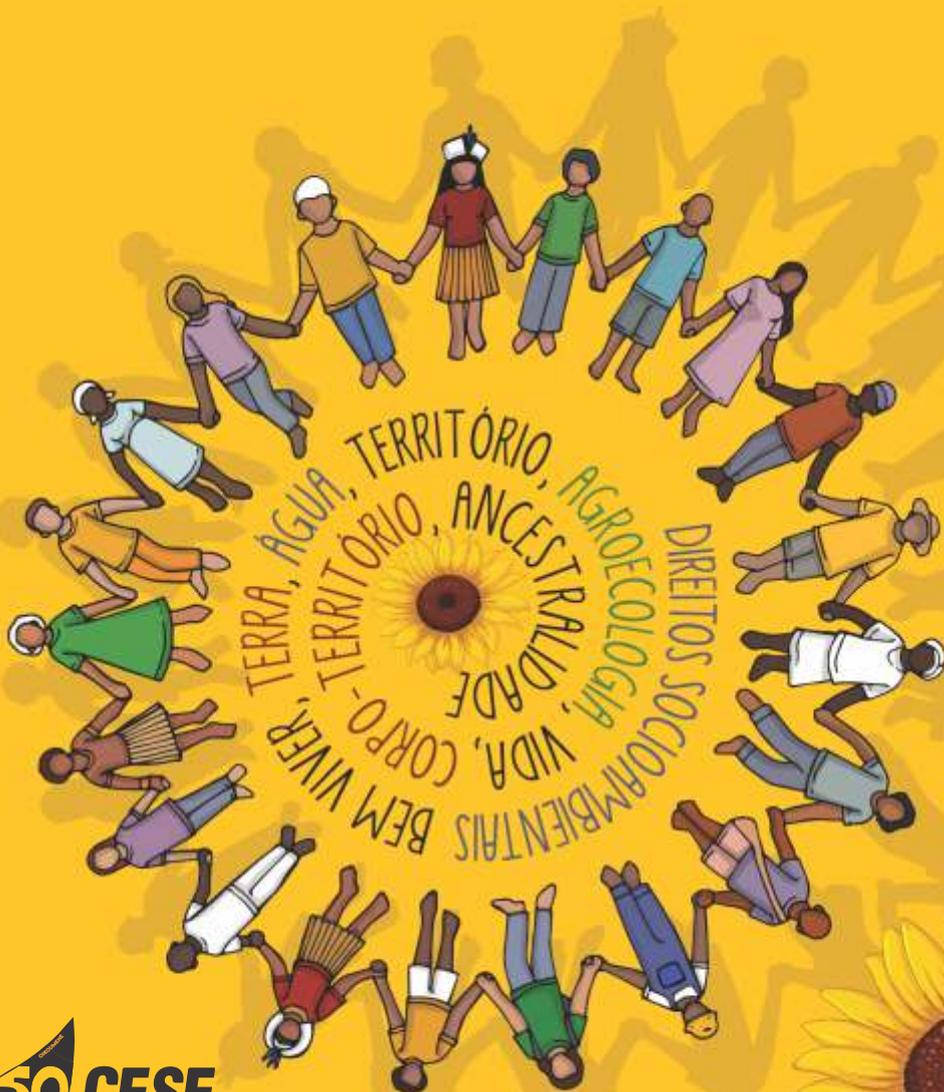
Fé e Clima:

Caminhos de Cuidado
com a Casa Comum

“A criação geme com dores de parto”

Romanos 8.22

ARTE: ATELIEIS







CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Direito de Edição, Publicação e Distribuição
Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE
ISBN 978658584710

Título da Obra: Campanha Primavera para a Vida 2024
Subtítulo da Obra: Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum “A criação geme com dores de parto” Romanos 8.22
Ano da publicação: 2024

Autoria:

ATELIÊ15 | Ilustração | Brasil
Lamartine Sampaio | Diagramação | Brasil
ZWA Marketing Digital | Projeto Gráfico | Brasil
Lucyvanda Moura | Revisora | Brasil
Albert França | Autor | Brasil
Ana Carine | Autora | Brasil
Eleni R. M. Rangel | Autora | Brasil
Davy Levy Ferreira Rodrigues | Autor | Brasil
Isidora Gonçalves | Autora | Brasil
Janaina Mitsue Kimpara | Autora | Brasil
Joseane de Jesus dos Santos | Autora | Brasil
Lucas Santos Dias | Autor | Brasil
Guilherme Ramos | Autor | Brasil
Maria Aparecida de Andrade Almeida | Autora | Brasil
Moema Miranda | Autora | Brasil
Nelson Kilpp | Autor | Brasil
Odja Barros | Autora | Brasil
Sônia Gomes Mota | Autora | Brasil
Tarcilo Santana | Autor | Brasil
Waneska Bonfim | Autora | Brasil
Bianca Dáebs Seixas Almeida | Organizadora | Brasil
Marília Pinto | Organizadora | Brasil
Patricia Gordano | Organizadora | Brasil

Editora: Soffia10
Coeditora: CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço
Local: Salvador/BA
Ano: 2024



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



A CESE é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, formada por igrejas cristãs, apoiada financeiramente por Brot fur die Welt (Pão Para o Mundo), Misereor, União Europeia, Fundação Ford, Fundação Wilde Ganzen, Ministério das Relações Exteriores – Governo Holandês, Heks – Eper, DKA Áustria, Instituto Ibirapitanga e Fundo Amazônia / BNDES.

A Campanha Primavera para a Vida tem o apoio de Brot fur die Welt (Pão Para o Mundo), Misereor, Heks – Eper e da REDE COMUÁ através do Programa Doar para Transformar.

Brot
für die Welt

HEKS
EPER

MISEREOR
IHR HILFSWERK

comuá Rede Nacional
de Igrejas
Transformação

doar
PARA **transformar**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campanha primavera para a vida 2024 : fé e clima : caminhos de cuidado com a casa comum : "a criação geme com dores de parto" Romanos 8.22 / organização Bianca Dáebs Seixas Almeida... [et al.]. -- 1. ed. -- Salvador, BA : Soffia10 Assessoria Socioculturais e Educacionais : Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-85847-09-4

1. Fé (Cristianismo) 2. Justiça social
3. Mudanças climáticas 4. Teologia I. Almeida, Bianca Dáebs Seixas.

24-224973

CDD-230.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia 230.01

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE
Rua da Graça, 164 – Graça – Salvador/BA

Saiba mais em: www.cese.org.br | cese@cese.org.br

    @cesedireitos





Fé e Clima:

Caminhos de Cuidado com a Casa Comum

“A criação geme com dores de parto”

Romanos 8.22

Apresentação:

Sônia Gomes Mota | CESE e Bianca Daébs Seixas Almeida | CESE 06

Reflexões Bíblico-teológicas

A questão climática e seus desafios: uma leitura Ecofeminista

Odja Barros | Aliança de Batistas do Brasil | ABB 10

Caminhos de Cuidado com a Casa Comum (OIKOS)

Maria Aparecida de Andrade Almeida | Igreja Presbiteriana Unida do Brasil | IPU 14

Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum

Eleni R. M. Rangel | Igreja Presbiteriana Independente do Brasil | IPIB 20

Janaina Mitsue Kimpara e Guilherme Ramos | Igreja Episcopal Anglicana do Brasil | IEAB 24

Moema Miranda | Ordem Franciscana Secular - Ordem Franciscana Secular | OFS | ICAR..... 27

Reflexões cristãs sobre a postura predatória com o ambiente natural

Nelson Kilpp | Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil | IECLB 31

Histórias de Vida

Resistência no Polo da Borborema: a luta contra os empreendimentos eólicos | Lucas Santos

Dias 39

Pinheiro Vivo e de Pé: uma experiência de fé, justiça e cuidado socioambiental | Odja Barros 41

Biodigestor Sertanejo na agricultura familiar | Waneska Bonfim 44

Pescadores/as artesanais pela justiça socioambiental no Oeste da Bahia | Lucas Santos Dias..... 46

Cartografia e a justiça socioclimática no Médio São Francisco | Isidora Gonçalves e Lucas Santos Dias 48

Das palafitas à construção do Observatório do Racismo Ambiental | Ana Carine 50

Observatório do Rio Utinga | Albert França, Joseane de Jesus dos Santos e Davy Levy Ferreira Rodrigues 52

O drama dos Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul | Tarcilo Santana 55

Depoimentos

Maíra Fainguelernt e João Pedro Rocha | Instituto Clima e Sociedade (ICS) 58

Cristina Orpheo | Fundo Casa Socioambiental 59



Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum

"A criação geme com dores de parto" Romanos 8.22

Pastora Sônia Gomes Mota

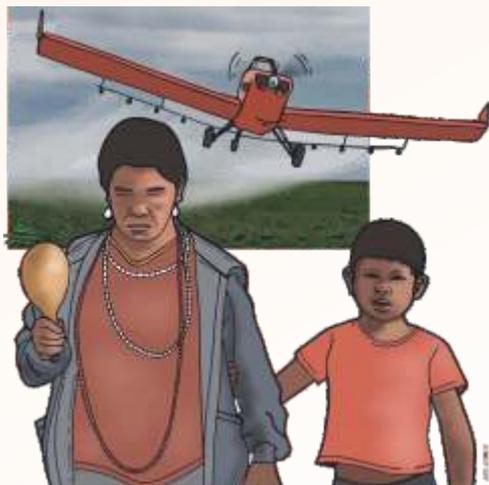
Igreja Presbiteriana Unida do Brasil I IPU

Reverenda Bianca Daébs Seixas de Almeida

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil I IEAB

Quando a primavera chega trazendo com ela os ventos, cheiros, cores e sabores desta estação, a CESE lança sua 24ª Campanha Primavera para a Vida. O tema escolhido para esta edição e que está em consonância com sua política institucional de justiça socioambiental é "Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum".

Este tema vem no momento em que estudos indicam que, em 2023, foi registrada uma devastação total de 1.829.597 hectares no território nacional e quando enfrentamos a maior tragédia ambiental no sul do Brasil, com enchentes que destruíram quase todo o estado do Rio Grande do Sul e também quando o mundo se prepara para participar da COP do Clima.



Como organização ecumênica baseada na fé, entendemos que o planeta foi criado "muito bom" (Gn 1,10.28.31) e os seres humanos receberam a tarefa de cuidar bem dele (Gn 2,15). Aqui aparece o conceito de "criação", entendemos que esta elaboração não é uma teoria científica, mas trata-se de um testemunho de fé. Assim entendemos que o mundo é dom gratuito de Deus, dado a seus/suas habitantes como concessão a ser cuidada e administrada responsabilmente.



No entanto, o modelo de desenvolvimento na atualidade produz a degradação ambiental, a privatização dos bens naturais, o latifúndio, a monocultura, o agro e hidronegócio, a violência nos centros urbanos e no campo, a destruição dos direitos sociais. Com o avanço desse modelo, o que vemos é a morte das bases de sustentação da vida, morte de rios, exaustão e poluição de aquíferos, desmatamento das florestas, bosques e matas, contaminação química, destruição da biodiversidade, emergência climática, causando dor e sofrimento. Toda esta destruição para que somente uma pequena parte da população se beneficie do bem-estar produzido por esta economia da destruição.

Ao mesmo tempo em que a natureza sofre com a agressão da exploração predatória pelos detentores do poder econômico, a agricultura familiar, os extrativismos comunitários são diminuídos e as populações tradicionais são alijadas de seu ambiente de vida e trabalho. A arrogância humana de querer, em sua ânsia de poder, exercer o domínio total sobre o que nos foi dado por Deus é considerada origem de todos os males (Gn 3,5ss). São muitos/as os/as vulnerabilizados/as, como as populações negras, povos indígenas e as mulheres, que têm vivenciado no seu cotidiano o impacto desse modelo de produção e consumo que não favorece a construção da autonomia econômica e as condena a sobrepostas e variadas formas de violências.

Como só temos uma única casa – o planeta Terra – é imprescindível que sua administração ocorra com a participação de todas as pessoas que o habitam e em benefício de todos/as, em clima de respeito mútuo. Por isso, estamos sendo convidados/as para uma mudança de paradigma que nos permita viver, crescer e sustentar o planeta em que vivemos.





Buscando inspiração no Bem-Viver, alinhada à busca por sociedades ambientalmente justas, sustentáveis e inclusivas sob o ponto de vista social, econômico e cultural, a CESE reafirma a vida sustentável e equilibrada como condição necessária para garantir uma vida digna que possa ser estendida a todas as pessoas e que possa estar presente nas mais variadas culturas. Ao mesmo tempo em que nos impactamos com tanta destruição, temos testemunhado, através da nossa atuação, que a resistência dos povos originários e de comunidades tradicionais e seus modos de vida, costumes e tradições que eles/as mantêm em seus territórios são responsáveis por garantir a preservação de grande parte da natureza.

Estes modos de vida são extremamente importantes para a preservação das águas, das florestas, da biodiversidade e até mesmo das cidades, uma vez que praticam uma pesca artesanal que não compromete o futuro de espécies, plantam o próprio alimento sem usar nenhum tipo de agrotóxico, respeitam os tempos de plantio e colheita de cada espécie cultivada em seus roçados, se valem especialmente daquilo que a natureza lhes oferece, criam pequenos animais sem sobrecarregar ou mesmo matar a terra, fazem o manejo do fogo conforme seus conhecimentos tradicionais de maneira que a queima não se descontrole, ou mesmo com base em práticas espirituais, rituais ligados à água, às árvores e outros elementos desses territórios que, para esses povos, são sagrados.

Através desta publicação, queremos oferecer subsídios bíblicos e teológicos para pensar: “Diante da grave crise climática que se abate sobre o mundo, e de modo específico sobre o Brasil, como podemos refletir teologicamente e contribuir concretamente para o cuidado com a Casa Comum?”



APRESENTAÇÃO



CAMPANHA
**PRIMAVERA
PARA A VIDA**

Esta publicação oferece material de reflexão bíblica teológica, em diálogo com um tema candente no momento presente, para ser usado em reuniões, encontros, estudos e catequese. Para dar concretude às reflexões bíblicas, trazemos casos reais de engajamento no tema, através dos depoimentos de pessoas e de grupos que receberam apoio da CESE através das campanhas e do programa de pequenos projetos ou de organizações parceiras com quem dialogamos e que estão com a CESE nesta luta cotidiana pelo cuidado com a Casa Comum.

Nossa gratidão à valiosa contribuição das pessoas que escreveram os textos, representando a diversidade de olhares das igrejas que compõem a CESE e também aos grupos que tiveram projetos apoiados por compartilharem seus depoimentos de resistência que enriqueceram esta publicação com suas reflexões e partilhas e nos ensinam que é possível desfrutar da natureza com responsabilidade e compromisso ético.



Sônia Gomes Mota

Diretora Executiva da CESE

Bianca Daébs Seixas de Almeida

Assessora de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da CESE





CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



A narrativa bíblica das origens da criação do Gênesis produziu muitas imagens, símbolos, narrativas, projetos, poderes e maldições. O modelo explicativo da origem do mal e pecado fornecido pela narrativa bíblica de Gênesis 3 gerou a metáfora da inimizade entre a Terra e a humanidade e lançou maldição sobre o corpo da Terra e das mulheres: Deus disse ao homem: "Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore de cujo fruto eu lhe havia proibido comer, por sua causa a Terra será amaldiçoada" (Gên.3:17). E disse para a mulher: "Vou lhe aumentar muito o sofrimento da gravidez. Entre dores de parto, você dará à luz os filhos. A paixão vai arrastá-la para o seu homem, e ele a governará" (Gên. 3:16). Está lançada a maldição! Malditas estão a Terra e as mulheres submetidas ao governo dominador de homens que buscam submeter e controlar seus corpos. Assim, a grande maldição da Terra e das mulheres tem origem na Bíblia e suas leituras fundamentalistas, racistas e patriarcais.

De acordo com as duas narrativas da criação que constam em Gênesis 1 e 2, o ser humano foi criado por Deus, depois de todas as coisas e espécies, para cuidar e guardar a criação. Em Gênesis 1:26-31, lemos que Deus terminou a sua criação no sexto dia, criando por último o ser humano, depois de haver criado todo o ecossistema. Depois de abençoar, Deus deu ao ser humano a ordem para frutificar, multiplicar e encher a terra e "dominá-la" (Gn. 1: 28).

Gênesis 2:7-17 desenvolve e explica melhor a ordem e relação entre ser humano e a natureza criada. Em Gênesis 1: 29-31 e 2: 4-15 diz que Deus plantou um jardim (Ecossistema) e pôs ali o ser humano para lavrar e cuidar (Gn. 2:15). A grande ênfase da narrativa bíblica de Gênesis 2 está nos verbos "cuidar" e "guardar". E é exatamente isto que foi esquecido na interpretação antropocêntrica do texto que deu maior ênfase na dominação. Esse mandato de cuidado foi interpretado como uma ordem legitimadora de relação de dominação e subjugação do ser humano em relação à Terra e aos outros seres criados.

A cosmovisão antropocêntrica da criação da teologia cristã teve efeitos danosos e irreversíveis. A teóloga Ecofeminista Ivone Gebara nos lembra que "Não é possível falar de justiça social e compromisso com os pobres sem falar de justiça ambiental". "Reconhecemos que o destino de oprimidos e oprimidas da América Latina está intimamente ligado ao destino deste planeta vivo, vulnerável aos comportamentos destrutivos da humanidade". (Teologia Ecofeminista, 1997).



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Falar de justiça social implica em falar de ecojustiça e impõe uma mudança de discursos e práticas oficiais das igrejas. Do ponto de vista teológico, a preocupação em torno de uma visão mais integrada e interdependente de toda a criação ainda é reduzida. Não se captou a agudez e crítica suficientes à cumplicidade das elaborações cristãs antro-po-centradas com a manutenção de um modelo de dominação e exploração dos recursos naturais

É na tentativa de pensar a questão climática a partir da crítica Ecofeminista às teologias andro-antropocêntricas que propomos a urgência de rever leituras bíblicas e teológicas cristãs que ajudem a romper com as imagens, símbolos e narrativas colonizadas pela teologia capitalista-patriarcal. Neste sentido, resgato aqui a linguagem feminina para falar de Espírito de Deus ou espírito criador: "RUAH" como linguagem recriadora da vida e da criação, estabelecendo uma outra relação mais reconciliadora e integradora entre os seres humanos e toda criação.

Ruah é a palavra hebraica para Espírito. No relato da criação, encontra-se em Gn.1:2: "e a Ruah de Deus pairava, flutuava sobre as águas..." Também, em Gn. 2:7: "Então Deus fez o ser humano com o pó da terra e soprou-lhe nas narinas a Ruah de vida, e o ser humano tornou-se ser vivente". Tem importância o fato da palavra Ruah na língua semítica ser de gênero feminino. Oposta a tudo que é morto e estático, Ruah é termo que traduz movimento. Aquilo que põe as outras coisas em movimento. Remete sempre a algo dinâmico: vento, tempestade, fôlego, sopro, hálito ou força criadora. Ruah é tudo que supera o que é inerte, morto. Por isso a própria Ruah não é palavra que se defina ou traduza facilmente. Pode-se apenas dizer em movimento o que ela faz, provoca. Talvez por isso, sobre ela se disse: "Ninguém sabe de onde ela vem, e nem para onde ela vai" (João 3:8).

Na experiência cristã, muita coisa se perdeu quando se traduziu a palavra Ruah para o termo grego "pneuma", e principalmente mais tarde, quando se traduziu para o termo masculino latim "Spiritus". É urgente que se recupere a força da palavra e do símbolo Ruah, seu caráter feminino de movimento que gera vida. Neste tempo onde a vida no planeta está ameaçada, devemos - num grande sussurro e respiro - orar o Salmo 104: "Envias a tua Ruah e renovas a face da terra!"





CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Segundo escreveu Achille Mbembe, a humanidade, presa no cerco da injustiça e das desigualdades, antes da pandemia, já estava ameaçada de sufocamento e grande asfixia. E o maior entrave para a vida respirável para todas as pessoas no planeta não é um vírus em particular, mas sim as escolhas que condenaram a maior parte da humanidade “a uma parada respiratória prematura”. Tudo que na longa duração do capitalismo colonizador, patriarcal e racista, vem forçando pessoas, comunidades e grupos humanos inteiros a uma vida pesada de respiração difícil e ofegante.

Para recompor uma terra habitável, com direito à vida para tudo que vive e respira, é preciso enfrentar a maldição gerada pela visão antropocêntrica e patriarcal da religião cristã que desenvolveu uma relação e uma lógica de dominação e exploração da Terra e dos seres vivos que, há séculos, vem condenando à morte por sufocamento e asfixia populações, comunidades e grupos humanos inteiros.

Concluo esta reflexão com a oração contida no Salmo 104:29-30: “Quando escondes o teu rosto e lhe retiras o fôlego (Ruah) morrem e voltam ao pó. Quando sopras o teu fôlego (Ruah) e são criados, renovas a face da terra”. Que o sopro da divina Ruah venha e renove a face da terra!



Odja Barros

Pastora batista e teóloga feminista. Servindo na equipe pastoral da Igreja Batista do Pinheiro (Maceió-AL) desde 1993. Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Coordenadora do Grupo de Leitura Feminista da Bíblia Flor de Manacá.





Caminhos de cuidado com a Casa Comum (Oikos)

Reverenda Maria Aparecida de Andrade Almeida
Igreja Presbiteriana Unida do Brasil | IPU

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, em 2007, cerca de 54.4% do território brasileiro estava coberto por florestas, com 465 milhões de hectares de florestas nativas e 7,8 milhões de hectares de florestas plantadas. Porém, em fevereiro de 2018, um editorial da revista Science Alert divulgava que a situação do desmatamento da Amazônia estava prestes a se tornar irreversível [ii]. As causas dessa situação foram atribuídas a intensas ações antrópicas como o desmatamento, pelo uso indiscriminado do fogo e pelos sucessivos períodos de seca sofridos pelo bioma. A consequência é a presença de 20% de área desmatada, equivalente a 1 milhão de quilômetros quadrados, mesmo com 15% desta área em processo de recuperação.

Em um pronunciamento realizado em 2018, a vice-secretária-geral da ONU, Amina Mohammed [iii], disse que a perda da biodiversidade no planeta, devido às intervenções do ser humano, são alarmantes, com taxa mil vezes mais veloz do que inicialmente estimado. As causas apontadas para este fato são a destruição e degradação de habitats, as mudanças climáticas, o comércio ilegal de animais, plantas e outros organismos, além de conflitos entre o ser humano e o meio ambiente. As consequências do aumento do nível de desmatamento na Amazônia, com maior produção de gás carbônico, degradação do solo e redução da biodiversidade, refletem-se negativamente nas mudanças climáticas globais [iv].

Desde que o ser humano surgiu no planeta Terra, existe uma relação e uma interação entre ele e a natureza. Usando de sua capacidade racional e pelo desenvolvimento tecnológico, tem modificado, deveras, a casa em que vive (Oikos) [v]. Neste amplo espaço, do qual, muitas vezes, não conseguimos visualizar a extensão, convivem e devem conviver, cada vez mais próximos, os mais distintos elementos e seres de toda a natureza e do cosmos. Cada vez mais, o destino desta casa global está relacionado com as ações e as práticas dos seres humanos. Se no paradigma moderno pode-se afirmar que a Terra é uma grandeza a ser dominada e explorada em favor dos seres humanos, dentro da visão do novo paradigma holístico ou ecológico deve-se dizer que a Terra é a casa comum de todos os seres vivos e do próprio Deus.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Deus criou o ser humano para evoluir. Foi chamado a dominar e cuidar da obra criada. Recebeu do Criador a ordem de frutificar, multiplicar, encher a terra e sujeitá-la e dominar sobre as demais criaturas (Gn 1,26-28). Esta ordem divina, porém, não significa um domínio total sobre as outras criaturas. A fé nos diz que Deus colocou o ser humano como senhor da sua casa, a casa global e o colocou profundamente ligado à Terra e ao que nela vive. Ele foi modelado por Deus a partir do pó da Terra. Há uma ligação intrínseca entre o adam e o adamah; o ser humano e o húmus da terra: "Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da Terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da Terra retornarás!" (Sl 128,2).

Recebeu a vida do sopro divino com a responsabilidade de cuidar da Terra como um jardineiro que cuida de seu jardim (Gn 2,4b-7). Tornou-se o responsável por toda a vida e tudo que nela há: "Os céus são os céus do Senhor, mas a Terra ele a deu aos seres humanos" (Sl 115,16). Mas o ser humano não é o dono da Terra nem das criaturas criadas, pois todas as criaturas pertencem ao Criador: "Ao Senhor pertence a Terra e quanto ela contém, o mundo e quantos nela habitam" (Sl 24,1; Dt 10,14). Na Bíblia hebraica [vi] encontra-se um texto de lei que expressa da melhor forma a interação entre Terra e o ser humano e o cuidado que este deve ter para com ela. Ei-lo:



E seis anos semearás a tua terra e recolherás a produção dela; e, no sétimo, tirarás a mão de cima dela e a deixarás por conta própria, e comerão os pobres do teu povo e o resto comerão os animais do campo; assim farás com a tua vinha e com o teu olival (Êx 23,10-11).

No mito da Criação de Gênesis, o próprio Deus descansou no sétimo dia (shabat: dia do descanso) e parece ter deixado esse princípio para ser vivido pelos seres humanos. No descanso, a terra se restaura, o pobre e os animais se fartam e, também, os servos e os estrangeiros tomam alento. A lei do descanso aniquila as raízes da avareza, da ganância e do egoísmo e abre espaço para se pensar nos outros e nas suas necessidades. A ideia de que "a Terra é do Senhor e tudo o que nela há", mostra que o ser humano é apenas cuidador, administrador das coisas que Deus criou e lhes confiou.



A lei, porém, afirma que após um período de seis anos de trabalho, o sétimo ano deverá ser um ano de descanso para a Terra. A Terra recebe o direito de repousar. “O que usualmente se traduz por ‘descansar’ é expresso no original hebraico com o verbo *shamat*, que tem o significado de ‘largar mão’, ‘deixar livre’” [vii].

A violência contra a dignidade da pessoa humana repercute como violência contra a natureza, a nossa casa comum: “Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Rm 8,22). Eis o que acontece em nossos dias, porque não cuidamos de nossa oikos: secas, chuvas intensas, enchentes, calor excessivo, derretimento de geleiras, queimadas, desmatamentos. Também não cuidamos dos nossos irmãos, principalmente, os menos favorecidos; enfim, não cuidamos da criação de Deus. O século XX deixou-nos como herança uma série de mudanças que vêm alterando a forma de organizar a nossa Casa Global. [viii]

Por fim, vale lembrar dos quatro compromissos firmados na Carta da Terra [ix], que é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica e que foi aprovada pela Comissão da Carta da Terra na reunião celebrada na sede da UNESCO, em Paris, em março de 2000:

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.
2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.
3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.
4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.
6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.
7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.
8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.



III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.
10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.
11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.
12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões e acesso à justiça.
14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.
15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.
16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

As religiões e as tradições espirituais podem dar um passo importante no sentido de divulgar e refletir sobre os princípios básicos da Carta da Terra. Elas têm uma responsabilidade imensa: levar o ser humano a redescobrir e a re(ligar) "os elementos essenciais de sabedoria e espiritualidade, no sentido da percepção das multiformes ligações do ser humano com a casa comum (Oikos) e com o próprio Transcendente" [x]. Mas não somente as religiões, e sim, as ciências, as artes, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações governamentais e não-governamentais e, enfim, todos os seres humanos, têm responsabilidade com a casa comum.

O futuro de nossa Terra passa pelo repensar de muitos conceitos ligados à educação pedagógica e ambiental e pelo fazer renascer um sentimento de pertença para com nossa casa (oikos), pois a humanidade é parte integrante dela. A capacidade de recuperar e preservar a comunidade de vida depende da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. A Casa Global com seus recursos finitos deve ser uma preocupação comum de todos. A proteção da biodiversidade e do planeta Terra é um dever sagrado.



Oração pela natureza

Ó Deus, nós te damos graças por este universo, nosso lar; pela sua vastidão e riqueza, pela exuberância da vida que o enche e da qual somos parte. Nós te louvamos pela abóbada celeste e pelos ventos, grávidos de bênçãos, pelas nuvens que navegam e as constelações, lá no alto. Nós te louvamos pelos oceanos, pelas correntes frescas, pelas montanhas que não se acabam, pelas árvores, pelo capim sob os nossos pés. Nós te louvamos pelos nossos sentidos: poder ver o esplendor da manhã, ouvir as canções dos namorados, sentir o hálito bom das flores da primavera. Dá-nos, rogamos-te, um coração aberto a toda esta alegria e a toda esta beleza, e livra as nossas almas da cegueira que vem da preocupação com as coisas da vida e das sombras das paixões, a ponto de passar sem ver e sem ouvir até mesmo quando a sarça, ao lado do caminho, se incendeia com a glória de Deus. Alarga em nós o senso de comunhão com todas as coisas vivas, nossas irmãs, a quem deste esta terra por lar, juntamente conosco. Lembramo-nos, com vergonha, de que no passado aproveitamos do nosso maior domínio e dele fizemos uso com crueldade sem limites, tanto assim que a voz da terra, que deveria ter subido a ti numa canção, tornou-se um gemido de dor. Que aprendamos que as coisas vivas não vivem só para nós; que elas vivem para si mesmas e para ti, que elas amam a doçura da vida tanto quanto nós e te servem, no seu lugar, melhor que nós no nosso. Quando chegar o nosso fim e não mais pudermos fazer uso deste mundo e tivermos de dar nosso lugar a outros, que não deixemos coisa alguma destruída pela nossa ambição ou deformada pela nossa ignorância. Mas, que passemos adiante nossa herança comum mais bela e mais doce, sem que lhe tenha sido tirado nada da sua fertilidade e alegria e assim nossos corpos possam retornar em paz para o ventre da grande mãe que os nutriu e os nossos espíritos possam gozar da vida perfeita em ti [xi].

Textos bíblicos para reflexão:

Gênesis 1,26-28; Êxodo 23,10-1; Salmo 24,1; Salmo 128,2, Romanos 8,22-24

Perguntas para reflexão:

Qual a importância do meio ambiente para sua vida?

Por que os ecossistemas estão sendo castigados pelo ser humano?

O que significa para você o versículo: "Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora" (Rm 8,22).



Música: Xote Ecológico (Luiz Gonzaga)

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar (bis 3x)
Cadê a flor que tava aqui? Poluição comeu
O peixe que é do mar? Poluição comeu
O verde onde é que está? Poluição comeu
Nem o Chico Mendes sobreviveu
Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
Se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar (bis 3x)



Maria Aparecida de Andrade Almeida

Teóloga e Reverenda da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, possui experiência na área de Teologia e Ciência da Religião, com ênfase em Bíblia/Literatura e Religião nos primeiros séculos do Cristianismo. Pós-Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas.

- [i] Pós-Doutorado em História e Arqueologia pela UNICAMP; Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião pela UMESP, Teologia pela Faculdade DEHONIANA de Taubaté; Pastora na IPU Jd. Califórnia – Indaiatuba. Email: mcidalmeida@hotmail.com
- [ii] NOBRE, C.; SAMPAIO, G.; BORMA, L.; CASTILLA-RUBIO, J. C. Land-use and climate change risks in the Amazon and the need of a novel sustainable development paradigm (pode ser lido na revista PNAS em <http://www.pnas.org/content/113/39/10759>.
- [iii] <https://nacoesunidas.org/biodiversidade-desaparece-a-velocidade-mil-vezes-mais-rapida-por-cao-do-homem-alerta-onu/>.
- [iv] <http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2018/02/22/desmatamento-na-amazonia-esta-prestes-a-atingir-limite-irreversivel/>.
- [v] Oikos é um vocábulo que tem sua origem no grego e que pode ser traduzida como "casa", "ambiente habitado" ou "família". Oikos também é utilizado como um prefixo que dá a origem etimológica da palavra ecologia (Ökologie) em que oikos significa "casa" e logos "estudo", ou seja, ecologia é "o estudo da casa" ou "estudo do ambiente habitado", em termos gerais seria o estudo do lugar onde se vive. COENEN, L.; BROWN, C. Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- [vi] BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIS (editada por Karl Elliger e Wilhelm Rudolph), Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.
- [vii] REIMER, H. Hermenêutica ecológica de textos bíblicos. In: Revista Brasileira de Teologia, nº 3, Rio de Janeiro, 2005, p. 20-35; [o presente sofreu algumas correções em 11.12.2006].
- [viii] BOFF, L. Crítica à pós-modernidade e resgate da subjetividade. In: IDEM, A voz do arco-íris. Brasília: Letra viva, 2000, p. 17-33.
- [ix] Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação. O projeto começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e finalizou como uma iniciativa global da sociedade civil (http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf).
- [x] REIMER, H. Textos sagrados e educação ambiental. In: Fragmentos de cultura, v.13, n.1, Goiânia, 2003, p. 133-154; A casa global. Sobre textos bíblicos em perspectiva ecológica no ensino religioso. In: SILVA, V. da (Ed.). Ensino religioso. Educação centrada na vida: subsídios para a formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004, p. 49-72.
- [xi] ALVES, R. Orações por um mundo melhor. Paulus, 1997.



Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum

"A criação geme com dores de parto" Romanos 8.22.

Presbítera Eleni R. M. Rangel

Igreja Presbiteriana Independente do Brasil | IPIB

Sensibilização: O Sal da Terra (Beto Guedes / 1981)

<https://www.youtube.com/watch?v=72KeLv3RF7k>

Quando olhamos as previsões para o futuro do planeta Terra, nossa casa comum, somos confrontados com uma expectativa de devastação e até de inviabilização da vida humana. Estudos recentes apontam que algumas áreas do Brasil podem ficar inabitáveis em 50 anos! [i]

Talvez você e eu não estejamos mais por aqui em 50 anos, mas o que será de nossos filhos e filhas? De nossos netos e netas?

Talvez você seja uma pessoa previdente e esteja cuidando para garantir uma herança patrimonial e financeira razoável para seus descendentes. Mas, que herança ambiental você está deixando para sua descendência? De que valerá todo o patrimônio acumulado, se não houver vida viável no planeta?

A narrativa da criação relatada em Gênesis 1, informa no v.26 que, ao criar o ser humano, Deus lhe dá a tarefa de administrar toda a criação: "Então Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra.'" (Gênesis 1.26)

Deus nos deu a responsabilidade de cuidar, de administrar os bens materiais e espirituais que ele nos concedeu. E a criação é uma dessas responsabilidades. Entretanto, parece que tendemos a considerar mais o sentido nocivo da palavra mordomia, ou seja, a ideia de privilégio, de regalia ou vantagem.





CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



"Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou" (Romanos 8.20). Esse versículo indica que a vaidade humana e a vanglória humana distorceram as relações do ser humano com a criação, de tal maneira que perdemos a percepção de que somos tão parte da criação como qualquer outro ser vivente e que, do equilíbrio dessas relações, depende a vida em nossa casa comum.

Como afirma o texto, fomos criados e criadas à imagem e semelhança de Deus, o que realmente nos coloca num lugar muito especial, mas também cheio de responsabilidades. Será que temos atendido ao mandato que recebemos do Senhor?

Será que temos cuidado responsabilmente da casa que o Senhor nos deu para viver?

Somos mordomos de tudo quanto o Senhor criou. Cabe a nós cuidarmos de sua criação até que ele retorne.

Mas, à luz das notícias que temos ouvido, das tragédias ambientais que temos visto - secas, terremotos, tufões e ciclones, nevascas, incêndios florestais, chuvas torrenciais, enchentes devastadoras - acho que podemos afirmar, assim como nos romances policiais, que o culpado é o mordomo. Nós! Nós somos os mordomos.

Ainda que por muito tempo não tivéssemos conhecimento minucioso da relação entre todos os seres vivos, a interdependência de fenômenos da natureza com nossas ações, já há décadas sabemos que nosso estilo de vida, baseado no consumo, na acumulação, é predatório e têm gerado um esgotamento não só dos recursos do planeta, mas principalmente o desequilíbrio das forças da natureza. É claro que as maiores vítimas são as populações pobres e vulneráveis do planeta.

Certamente, você já ouviu falar a respeito disso e já viu eventos climáticos que apontam claramente para esse desequilíbrio. As recentes enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul são um exemplo disso.

Mas, talvez, você esteja pensando "O que posso fazer a respeito?" Sou apenas uma pessoa cristã, não sou importante, não tenho poder para decidir sobre coisa alguma. Que diferença posso fazer?



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



A primeira coisa é tomar consciência do que está acontecendo. Parar de negar a realidade, por pior que ela seja. Afinal, somente quando compreendemos e aceitamos o que está acontecendo podemos encontrar formas viáveis e criativas de enfrentar o problema. Sim, aceitar não é uma atitude passiva diante da realidade. É uma atitude ativa diante da realidade.

Uma vez conscientes, é possível começar a agir no sentido de efetivamente assumir nossa responsabilidade e com atitudes concretas atuar no sentido de levar outras pessoas a tomar consciência, além de mudar nosso comportamento no cotidiano. Isso vai desde práticas de reciclagem até a mobilização de grupos para incidir publicamente nas pautas relativas à sustentabilidade e preservação ambiental.

Há uma canção que diz: "Haja paz na terra a começar em mim...". Só pode haver paz com justiça. Justiça ambiental para toda a criação. Como diz o texto motivador "A criação geme com dores de parto". Esperamos que, ao final desse trabalho de parto, possa nascer uma realidade cheia de justiça, de equilíbrio, onde toda a criação, incluindo a humanidade, possa viver em harmonia para sua própria preservação e viabilização de toda forma de vida na Terra.

Por isso, quero convidar você a pensar:

O que você pode fazer ou deixar de fazer enquanto pessoa, para contribuir para a preservação do ambiente?

O que sua igreja local, sua paróquia, pode fazer ou deixar de fazer para contribuir para a preservação ambiental, para aumentar a conscientização da comunidade à sua volta, para incidir publicamente a fim de sensibilizar outros grupos para essa problemática?

Como alcançar níveis mais amplos de atuação para conscientizar e propor ações seja na denominação, seja em espaços de decisão, como conselhos municipais, secretarias do meio ambiente e assim por diante?

De que forma podemos usar as redes sociais para gerar reflexão e conscientização acerca do cuidado com nossa casa comum?





CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Finalmente, quero lembrar a vocês que cabe a nós cumprir o mandato que nos foi confiado. A obra é do Senhor, e Ele nos dará inspiração, sabedoria, discernimento e coragem para realizar a tarefa que Ele mesmo nos deu.



Eleni R. M. Rangel

Psicóloga e Presbítera da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e Segunda Tesoureira na Diretoria Institucional na Coordenadoria Ecológica de Serviço - CESE.



[i] (<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/areas-do-brasil-podem-ficar-inabitaveis-em-50-anos-segundo-estudo-da-nasa/>)



Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum

"A criação geme com dores de parto" Romanos 8.22

Janaína Mitsue Kimpara e Guilherme Ramos
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil | IEAB

Estudiosos de várias Ciências denominam nosso tempo como o Antropoceno. Este seria o nome dado à nova era geológica que é caracterizada pelo impacto do ser humano na Terra. Do ponto de vista teológico, podemos interpretar o Antropoceno como um momento em que o ser humano se distanciou de sua missão original de pertencer e conviver em harmonia com a Criação, confiada por Deus, e passou a explorar e dominar o mundo natural de maneira irresponsável.

O ser humano depende da Natureza desde os primórdios de sua existência. Esta dependência se dá por várias formas, como pelo extrativismo que garantia sua subsistência, pelo provimento de alimentos e moradia, pela ciclagem dos nutrientes dos resíduos que deixava, pela fé praticada pela contemplação ou adoração de seus elementos. Com o aumento da eficiência em guardar e transferir informações entre os de sua espécie, o ser humano aprimorou sua Ciência e sua tecnologia. Isso lhe deu a sensação de ser superior perante os demais seres da Natureza. Seu cérebro complexo, a capacidade de linguagem, a criatividade, as mãos como ferramentas de criação lhe proporcionaram meios para "evoluir": construir cidades, veículos, ferramentas mais modernas; vacinas, medicamentos e outras formas de Medicina avançada; fábricas, uma revolução industrial, uma revolução verde, produzindo alimentos e não mais extraindo, desafiando as teorias de possível escassez de alimentos em uma população crescente cada vez mais longa.

Hoje, a humanidade já explora o espaço, está globalmente conectada, os idiomas já não são mais barreiras, já existe até uma inteligência artificial generativa, capaz de ler e escrever muito próximo da maneira que o ser humano faz! Todas estas mudanças, que ocorreram de forma mais intensa nos últimos 200 anos, resultaram - além da falsa sensação de que o ser humano é o criador, e não a criatura - em efeitos colaterais negativos para a Natureza, como poluição da terra, do ar, das águas e até do som; desmatamento, redução de biodiversidade; alteração e anulação de corpos hídricos, acidificação do mar; aquecimento global, para nomear alguns dos principais deles. Os desastres naturais são alertas. Enchentes, secas, intoxicações, extinções. O ser humano não pode mais se enxergar como criador. É uma pequena criatura, impotente.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



O que fazer então, em uma era em que o ser humano altera significativamente o local onde habita, a ponto de causar tamanhos efeitos? Primeiramente, o ser humano deve reconhecer o seu papel como espécie em um Ecossistema - ou seja, outros seres vivos e não vivos habitam esta Casa Comum e a sobrevivência de todos depende da harmonia da convivência entre todos estes seres. A Natureza é provedora de todos os meios de sobrevivência do ser humano, desde o oxigênio, o alimento, o abrigo, o equilíbrio mental, a contemplação que o faz lembrar que é um com a Criação.

A mudança para esta mentalidade é necessária para que as ações feitas pelo ser humano sejam consequentemente de cuidado, e não de usuário. Ou seja, atitudes como não desmatar - e não me refiro aqui somente à Amazônia, para não deixar o problema e portanto a solução distantes - mas sim à árvore que existe no terreno de sua casa, da sua paróquia, da sua escola ou trabalho; usar materiais recicláveis ou biodegradáveis e não usar materiais plásticos, como sacolas, copos de café, talheres, canudos; escolher alimentos de pequenos agricultores e agricultoras familiares locais; "artesanar" mais, industrializar menos; apoiar negócios de impacto social e ambiental positivos; usar energia renovável; promover a polinização, plantando jardins, por exemplo; passear mais na Natureza; estudar e se informar mais em bases confiáveis sobre os problemas que a humanidade tem causado na Natureza para se conectar, empatizar, engajar e promover a mudança, na sua e principalmente nas gerações futuras.

Infelizmente, os desastres associados às mudanças climáticas e aos impactos humanos sobre a Criação têm ocorrido de maneira cada vez mais frequente. Isso tem evidenciado a pequenez do ser humano diante da grandiosidade da Natureza. Mediante a constatação de sua impotência, a compaixão entre os seus aflora. E, nela, a divindade que neles habita. Mas essa compaixão também deve se transformar em uma busca por justiça – uma justiça que reconheça e corrija as desigualdades na distribuição dos frutos da Terra e dos impactos ambientais e que responsabilize aqueles que mais contribuíram para a degradação da Criação.

Que nos unamos nesse momento de fragilidade do ser humano frente às mudanças climáticas, usando toda inteligência que a Criação nos concedeu, para arquitetar futuros sustentáveis, harmônicos, justos, com os demais seres da Casa Comum. Que, inspirados por Romanos 8:22, possamos reconhecer os gemidos da Criação e responder com ações que reflitam nosso papel como cuidadores pertencentes e não dominadores. Amém.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



O Cio da Terra

Milton Nascimento e Chico Buarque

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão
Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel
Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão



Janaina Kimpara

Bacharel em Zootecnia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestre e Doutora em Aqüicultura pelo Centro de Aqüicultura da Universidade Estadual Paulista (Unesp). MBA em Marketing pela Universidade de São Paulo (USP) e MBA em Inovação e Capacidade Tecnológica (em andamento) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). É pesquisadora A da Embrapa, em Sistemas de Produção Aqüícola. Possui projetos e publicações em Aqüicultura Sustentável, Contabilidade Ambiental, Avaliação de Impactos de Sistemas Agropecuários e Inovação.

Guilherme Ramos

Engenheiro Ambiental (UFRGS). Possui Mestrado em Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento realizado no Programa de Pós-Graduação em Sensoriamento Remoto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.





Fé e Clima: Caminhos de Cuidado com a Casa Comum

"Olhai os pássaros do céu (...) observai como crescem os lírios do campo." (Mt 6,26-28)

Moema Miranda

Ordem Franciscana Secular - OFS

Era uma vez um mundo onde alguns cristãos pensavam que sua Igreja deveria dedicar-se "a salvar almas e não a salvar árvores". Achavam que já havia muitas ongs cuidando da "natureza" e de "mico leão dourado". E, portanto, o clero, os leigos e leigas deveriam se dedicar exclusivamente à salvação de almas humanas. Infelizmente, este tempo ainda é agora. E, ainda mais infelizmente, no século XXI já deveríamos saber que um mundo assim pensado, rezado, explorado, ou seja, um mundo onde achamos que é possível salvar almas humanas para a vida pós-morte, sem cuidar da Terra que torna possível sua existência, é um mundo levado ao caos e ao aquecimento mortal. Não nos deixam mentir os que perderam a vida, os amores e seus bens materiais nas enchentes de Porto Alegre, nas secas dos rios amazônicos, nos tufões na América Central, nas queimadas na Austrália, nas águas que avançam sobre ilhas, que em breve deixarão de ser casa para humanos e não humanos. Causas antrópicas tornam o mundo, em todos os continentes e oceanos, cada dia mais quente, perigoso e violento.

1. Um modo de enxergar o mundo que nos cega para a vida: o mundo-mercadoria

Em uma Encíclica escrita durante a pandemia do Covid 19, o Papa Francisco disse que vivemos "à sombra de um mundo fechado", no qual a história dá sinais de retrocesso. Na prática ecológica, podemos claramente ver esta dinâmica de avanços animadores e recuos violentos. Nos anos 60 do milênio passado, uma nova consciência ecológica começou a ganhar forma e força. Durante longos anos, em alguns países europeus e nos Estado Unidos, foi ficando mais claro que o modo como a civilização ocidental se relaciona com o planeta Terra era insustentável. Ou seja, o modo civilizado, baseado no consumo ilimitado de combustíveis fósseis e minérios, destruidor de florestas e produtor intensivo de agrotóxicos, plásticos e outras formas de lixo não reciclável, não era compatível com um planeta vivo. Começaram a reconhecer que as concepções econômicas e culturais que consideram positivamente esta civilização como "desenvolvida" e a assumiam como modelo colonizador para o mundo, precisavam de uma radical mudança de rumo e sentido.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Ao sul do mundo, no Brasil, na Índia e em muitos outros países, povos indígenas e quilombolas que resistiam há séculos ao avanço desta civilização que se baseia no domínio e exploração da natureza, começavam a ser reconhecidos como "ecologistas orgânicos": sempre foram o que os outros começaram, finalmente, a quer ser. Povos da terra, que viviam em comunhão com o mundo que os abrigava. Mundo vivo, cheio de nexos, de encantamento, de novas possibilidades de vida. Assim, entre nós, Chico Mendes foi mais que um herói martirial. Foi a expressão de uma consciência emergente, a abrir caminhos para o encontro dos diversos e plurais povos das florestas, das águas, dos mares e das marés. Yanomamis, Kaiapós, Xikrin, Baré, Tukano. Ribeirinhos, quilombolas, quebradeiras de coco babaçu: povos que ensinam a viver em um mundo vivo.

A ciência moderna, que havia se constituído sobre a base de princípios dualistas limitantes e contribuiu para a visão do planeta como constituído por uma "natureza desencantada", naqueles mesmos anos 1980, passava por uma espécie de revolução copernicana. Estavam emergindo as ciências do Sistema Terra. Uma cosmopercepção ecológica começava a permitir que, através da ciência, também se reconhecessem os nexos profundos que vinculam a vida com o planeta Terra. Cosmólogos e astrofísicos, capazes de estudar outros mundos, foram compreendendo, com base em muita tecnologia e observação que, até onde seus instrumentos de medição alcançam, o planeta Terra é o único que abriga a Vida. Mais ainda, a vida, através de bilhões de anos, foi fazendo deste um planeta cada vez mais habitável para formas complexas de existência: das cianobactérias, aos peixes, florestas e corais, mamíferos, aves e fungos, humanos e outras espécies, foram emergindo em uma festa incrível de criatividade planetária. Vida gerando mais vida. Um planeta que é parte de um macrocosmos complexo, com bilhões de anos de história, com incontáveis sóis, planetas, luas e tantas outras coisas que nossa pequena ciência não pode definir, medir e calcular.

Novas interpretações de nossas tradições bíblicas começaram a surgir com beleza neste percurso. E, na tradição católica, São Francisco de Assis, um santo profundamente amado, foi ganhando atualidade não romantizada. A experiência de Francisco, no século XIII, quando o capitalismo estava ainda por começar, sustenta hoje o chamado do Papa Francisco a um processo profundo de conversão ecológica. Francisco fez a experiência religiosa de sair do espaço seguro da cidade, de se desnudar das vestes de jovem rico e de caminhar pelo mundo.



E, longe dos temores sempre repetidos pela teologia dominante na época, de que o mundo era perigoso e mal, um "vale de lágrimas" no qual o "corpo era o cárcere da alma", Francisco foi encontrando no caminho percorrido a pé descalço, seres não humanos de incrível capacidade de louvor a Deus: estrelas, águas, formigas, montes. Vencendo o medo - o que nosso grande intelectual quilombola, Antônio Bispo, chamou de "cosmofobia", o medo do mundo e o medo de Deus, que marcou a civilização ocidental - Francisco encontrou um lugar novo.

Não apenas entendeu, mas pôde sentir pensar de um jeito novo, porque se fez irmão de todos os seres criados pelo mesmo amor divino. Nem melhor nem pior do que os demais seres, como ele, criados: fraternos. Ao despir a roupa daquela civilização cosmofóbica, formada por tantos anos de hermenêutica antropocêntrica, que havia alimentado a ilusão do "excepcionalismo humano", Francisco se viu imerso na imensa comunhão cósmica, na fraternidade universal. E viu que isto era muito bom! Por se sentir em casa no mundo, compreendeu que a acumulação de bens materiais é não apenas inútil para defender a vida, mas uma afronta à abundância com que Deus dotou a Terra. Jesus, de Nazaré, caminhando pela Galileia, ensinou tantas vezes a olhar os lírios, pediu para aprendermos com os pássaros: para que encontrássemos a ecosófica, a sabedoria intrínseca ao mundo criado-criador. E Francisco, humildemente, seguiu a Jesus. Por isto, foi o Alter Cristo. Um outro humano a se cristificar. A entrar em comunhão. Francisco foi considerado santo e louco por seus contemporâneos. Quase herético: na beira externa da ortodoxia. Ou seja, se colocou bem perto de Jesus e das pombas e dos lírios. E também dos homens e mulheres que com ele compartilhavam o pão, a vida, os sonhos e desejos de paz: seus companheiros.

2. Não podeis servir a dois senhores...

Hoje sabemos que a vida é fluxo, matéria e energia. Espírito, sopro, mistura de estrelas, sóis, água e amor. Como diz com imensa beleza a bióloga Lynn Margulis, "a vida é a exuberância planetária, um fenômeno solar. Fenômeno local da superfície terrestre, que só pode ser compreendido em seu meio cósmico. É a transmutação astronomicamente local do ar, da água e do sol terrestres em células. A vida como Deus, como música, carbono e energia é um eixo rodopiante de seres que crescem, fundem-se e morrem"[1] e, assim, geram mais vida!



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



A possibilidade de um Deus que se encarnou está diretamente ligada à existência de um planeta onde a vida humana é possível. E toda a vida humana é parte entretecida da Vida. É constituída de sol, de carbono e de espírito. Se, como acreditamos, a Encarnação do Verbo habitou o Amor de Deus desde a Eternidade, uma espiritualidade ecológica é a que nos leva mais próximo de Jesus e de sua história. Na reconciliação com o mundo.

No Evangelho de Mateus, antes de direcionar nosso olhar para lírios e pássaros, Jesus dizia em tom definitivo: "não podeis servir a dois senhores. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro". A antinomia jesuânica, portanto, não era ao mundo, mas ao dinheiro. À acumulação que interrompe o fluxo. À ilusão de que um celeiro cheio, com pobres passando fome ao lado, é o que garante vida longa. Estar a serviço do que transforma a profusão de vida, de beleza e fruição em mercadoria, em matéria morta, que pode ser guardada, comprada e vendida: aí está o que nos impede de seguir com Jesus pelo Caminho.

Não creio que apenas o medo do caos possa nos conduzir à redenção. Creio, franciscanamente, que o chamado do Amor deve nos levar a descalçar as sandálias já apodrecidas da prepotência humana. Deve nos animar a nos somar ao Caminho, com os povos da terra, humanos e não humanos, que já desde sempre atuam na construção de um mundo onde caibam muitos mundos. O Caminho é perigoso. Como bem sabemos, os inimigos da vida atiram para matar! Mas, neste passo, estamos em boa companhia, aquela que nos torna dignos de sermos seguidores de Jesus! Maranatha!



Moema Miranda

Professora da Ordem Franciscana Secular (OFS). É antropóloga, com Mestrado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ e doutora em Filosofia pela PUC-RJ. Atua como assessora na Rede Eclesial Pan-Amazônica, REPAM, tendo participado como Auditora no Sínodo para a Amazônia.

[1] Margulis, L e Sagan, D. O que é vida? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002, pp 44.



Reflexões cristãs sobre a postura predatória com o ambiente natural

"E viu Deus que era muito bom!" (Gn 1.31)

Pastor Nelson Kilpp

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil | IECLB

Nosso milênio será lembrado pelo que a humanidade realizar - ou deixar de realizar - em favor da preservação do ambiente natural e, por conseguinte, em favor da vida das gerações futuras. Felizmente, a nossa geração está tomando cada vez mais consciência da degradação da natureza e, em muitos casos, também sentindo de perto as consequências do secular desrespeito das sociedades modernas pelo meio em que vivem. Todos ficamos perplexos com o tamanho do estrago causado pelas enchentes no Rio Grande do Sul em maio de 2024.

As telas de nossos televisores, as redes sociais, a imprensa e os boletins climáticos também não cansam de mostrar os efeitos do aquecimento global em outras partes do mundo como o degelo das camadas polares, o aumento do nível dos mares e o sumiço de ilhas. Não há mais como negar que pesticidas, fertilizantes e lixo tóxico envenenam o solo e o subsolo; os clorofluorcarbonos destroem a camada de ozônio e permitem maior incidência de raios ultravioletas sobre nossa pele; o dióxido de carbono resultante da queima de combustíveis fósseis torna o ar das cidades irrespirável; o dióxido de enxofre emitido por indústrias provoca a chuva ácida; as queimadas e o desmatamento desenfreado contribuem para o efeito estufa; os efluentes químicos envenenam rios, lagos e mares e ameaçam a água potável.

A contaminação do solo que produz o alimento, do ar que respiramos e da água que bebemos não é um possível pesadelo futuro, mas realidade presente. O nosso jeito de viver marcado pelo consumo desenfreado e pela ideia do crescimento ilimitado resultou no desequilíbrio do ecossistema e na destruição de incontáveis espécies da flora e fauna de nosso planeta, ameaçando, já agora, a sobrevivência de gerações futuras da humanidade. O modelo de desenvolvimento adotado pelos países que buscam o lucro a qualquer custo está cobrando seu preço.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Nós, cristãos, não podemos ficar passivos diante deste quadro semi-apocalíptico. Há os que afirmam que a terra já experimentou, em outros momentos, crises ecológicas – como a extinção dos dinossauros e as eras glaciais – e sempre conseguiu recriar condições favoráveis à continuidade da vida. Isso, no entanto, não é um consolo para nós, pois a terra se recompõe muito lentamente, não em milhares, mas em milhões de anos. Há os que pensam que a tecnologia e a ciência um dia resolverão também os problemas provocados pela atual crise ecológica. Esquecem-se que justamente a ciência e a tecnologia moderna aceleraram o processo de deterioração do ambiente natural, pois estavam a serviço de um modelo que idolatra o progresso e de um ideal de vida baseado no consumo irrestrito. Diante disso, não podemos ficar passivos nem mudos também porque a sociedade judaico-cristã ocidental é acusada de ter sido uma das principais responsáveis pela exploração arbitrária e desregrada da Terra e da natureza. Torna-se, portanto, mister voltar às bases de nossa fé e repensar o nosso comportamento.

A boa criação de Deus

As primeiras páginas da Bíblia testemunham que o universo e tudo que nele existe são criação divina. Isso significa dizer que o mundo que nos cerca não está aí por acaso, mas é quisto por Deus e faz parte de um projeto divino. O primeiro capítulo de Gênesis expressa isso após cada obra criada: “E viu Deus que era bom!” As antigas testemunhas buscam ver o mundo com os olhos de Deus e chegam à conclusão de que Deus quis que, apesar de imperfeições, agruras e sofrimento existentes, nosso ambiente natural fosse belo, bom, agradável e útil. Ao falar das origens do mundo, os textos não remetem apenas ao passado, mas muito mais ao futuro: como seria um mundo de acordo com a vontade de Deus?

Quando Isaías 65 espera pela transformação deste mundo injusto, cheio de dor, tristeza, morte e frustração por causa da maldade do coração humano (Is 65.17ss), ele o imagina como sendo uma nova criação: sem choro, lamento ou morte prematura (v.17). O profeta nos ensina que o projeto amoroso de Deus para com sua criação é coisa do passado, mas meta a ser alcançada. Sempre que confessamos nosso Credo, confirmamos que o mundo e a natureza continuam sendo criação de Deus e assumimos, ao mesmo tempo, a tarefa de viver de acordo com a vontade do Criador: que toda a “casa” por ele criada seja bela, boa e perfeita para todas as criaturas que nela vivem.



Os seres humanos são corresponsáveis pela criação

Na história da interpretação dos textos sobre a criação, sempre se enfatizou a posição de destaque ocupada pelos seres humanos, pois recebem uma dignidade especial: são "imagem" de Deus (Gn 1.27). E o "domínio" embutido nesse conceito foi entendido, muitas vezes, como legitimação da exploração da natureza e da utilização indiscriminada de seus recursos por parte dos humanos. Esta, no entanto, é uma interpretação que não respeita o contexto em que surgiu o texto bíblico: uma época em que os seres humanos estavam, muitas vezes, indefesos diante da natureza hostil. Atualmente acontece o contrário: é a natureza que está indefesa diante da hostilidade humana. Se a intenção do texto bíblico era proteger o indefeso, o acento, hoje, deve ser outro.

Este outro acento pode-se encontrar na mesma metáfora: "imagem". Uma imagem representa alguém ou algo ausente. Como seres humanos, representamos, portanto, a vontade criadora de Deus no mundo. Essa vontade está expressa em Gn 2.15: Deus colocou os seres humanos no jardim para o "cultivar e cuidar". Essa é a grande dignidade dada a nós: cuidar para que os que nele vivem não pereçam. Conforme Gn 1.29s, existe uma relação harmoniosa entre seres humanos e animais, pois Deus dá a ambos as mesmas ervas e os mesmos frutos como alimento. Como imagem de Deus, devemos responder a Ele pelo que fizemos nesta sua criação.

Dependemos de um ecossistema global limitado

O relato da criação de Gn 2 se imagina Deus formando o ser humano ('adam) da argila ('adamah). Com isso, ele afirma, entre outros, que fazemos parte da Terra e dela somos dependentes. O ser humano nada é sem o seu ambiente, o seu jardim, com as árvores frutíferas e a água que proporciona a fertilidade do solo. Existe uma interdependência entre humanos e a Terra. Essa interdependência forma um todo harmonioso que chamamos de ecossistema, um complexo sistema de relações entre humanos, flora e fauna e o ambiente ou "casa" (oikos) que habitam. Hoje estamos mais conscientes do fato de que existe uma só "casa", o nosso mundo. Hoje estamos, mais do que nunca, conscientes de que a deterioração de uma parte desse ecossistema global afetará irremediavelmente as outras.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



A “casa” que habitamos tem seus limites. A atmosfera terrestre que nos fornece o oxigênio, o “fôlego de vida”, é apenas uma fina camada em torno do globo terrestre; ela não é indestrutível. Ao contrário do que aprendemos no passado e vemos amiúde na prática, a água potável do planeta não é inesgotável; ela pode tornar-se o “produto” mais raro e caro nas próximas décadas. Por isso, o progresso contínuo e ilimitado baseado na exploração indiscriminada e predatória dos recursos naturais levará, mais cedo ou mais tarde, a uma catástrofe de dimensões inconcebíveis. Se todas as pessoas do mundo quisessem ter o mesmo estilo de vida de um estadunidense, não haveria, já agora, recursos naturais nem energia suficientes para todos.

Não se pode sonhar em ter ou continuar tendo um “nível” de vida que onera tanto o meio ambiente como o vivido e defendido pelas nações abastadas modernas. Este tipo de “progresso” tem um efeito bumerangue devastador. A cada dez anos, o volume da poluição ambiental dobra, mas a atmosfera terrestre necessita de aproximadamente 2000 anos para se recompor. Não é necessário ser um cientista para tirar as funestas conclusões. O ser humano que, em seu egoísmo, busca alcançar o máximo bem-estar, acabará destruindo o “jardim” que lhe dá o sustento e a vida. As gerações futuras nos amaldiçoarão por nossa cobiça.

Em busca de uma espiritualidade ecológica

Certamente não devemos nos desesperar. Mas também não é tempo de conformar-se. Temos condições de fazer muito em favor da sobrevivência de nosso planeta. Podemos, em primeiro lugar, fazer valer nosso poder de consumidores. Ao comprar um móvel, podemos exigir do lojista um comprovante de que o móvel não foi fabricado com madeira proveniente de desmatamento ilegal e predatório nem às custas da vida de populações autóctones. Podemos substituir combustíveis fósseis por combustíveis renováveis; podemos preferir produtos embalados com embalagens reaproveitáveis; podemos preferir produtos que não foram tratados com agrotóxicos; podemos comprar exclusivamente de revendedores que investem em reflorestamento ou projetos ambientais e que filtrem e controlem suas emissões ou efluentes. Se muitas pessoas fizerem esse tipo de pressão, certamente haverá consequências.



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



Não podemos deixar-nos levar pela mentalidade de que a qualidade de vida depende da quantidade de produtos que consumimos. Sabendo que o ambiente natural não é inesgotável, podemos propor-nos a consumir somente o necessário. Quanta energia gastamos sem necessidade! Quantas coisas adquirimos desnecessariamente!

Evitar o consumo excessivo de água pode ser considerado um gesto de amor ao próximo do futuro. Para todas as suas atividades diárias, uma pessoa não necessita mais do que 100 litros de água para beber, cozinhar, para o banho e para a limpeza doméstica. Mas somos campeões de desperdício de água. As estatísticas dizem que com o que o Brasil desperdiça de água diariamente poderiam ser atendidas 38 milhões de pessoas. Mas também sabemos que 45% do desperdício de água ocorre na distribuição, antes mesmo de chegar aos domicílios. Isso é responsabilidade do poder público, que deve ser fiscalizado e denunciado. Devemos também denunciar as indústrias que despejam seus efluentes tóxicos nos cursos d'água e as empresas do agronegócio que, com sua exploração fluvial, secam rios e destroem comunidades, muitas vezes com anuência do Estado.

A espiritualidade ecológica se caracteriza pela racionalidade do consumo. Consumir apenas o necessário é a meta. Sabemos que podemos viver muito bem com menos. A busca pela qualidade de vida deve ser um valor maior do que a quantidade de consumo. O consumo sóbrio e frugal não significa perda de qualidade de vida. A opção por um produto biodegradável ou por bolsas de pano reaproveitáveis em substituição aos sacos de plástico não passa de um pequeno incômodo. Os diversos pequenos gestos devem unir-se para uma tarefa que é de todos: preservar a boa e bela criação de Deus. Além do consumo consciente, devemos mudar nossa maneira de ver o ambiente natural. Ele não é um mero objeto que está aí para ser aproveitado em nosso benefício. Ele é, antes, uma rede de relações da qual também nós fazemos parte.

Mas não devemos ser ingênuos a ponto de pensar que nossa frugalidade será decisiva. Devemos estar preparados para denunciar onde grandes empresas e órgãos públicos desperdiçam ou protegem quem desperdiça o que nós estamos tentando poupar. Sem esta denúncia, todo o nosso esforço doméstico estará comprometido. A denúncia é o outro lado da moeda de nossa moderação. Com a resistência de povos e comunidades tradicionais podemos aprender a encontrar outros caminhos para o cuidado com nossa casa comum.



Esperança contra toda esperança

I

E o Espírito de Deus pairava sobre as
águas primigênicas
e houve tarde e manhã, o primeiro dia.

Mas as águas cresceram, se
enfureceram,

E inundaram a terra.

E a humanidade temeu, a terra tremeu

E algo como um caos se instalou.

Clamamos pelo Espírito das Águas:

Tem piedade, ó Espírito Criador!

Olha por nós, por tua gente sofrida.

E o Espírito ouviu,

Mas as águas desceram, se
avolumaram

Continuaram a subir

A ultrapassar todas as réguas

conhecidas

E desconhecidas.

E passaram a destruir, a correr

desabaladamente.

Elas buscavam espaço, campinas,

várzeas, banhados

Corredores surgidos a séculos,

milênios ...

Mas esses haviam sido extintos,

tomados pela ganância ...

Foi por isso que as águas rugiam qual

fera ferida, bravia

Sem perdão ou compreensão.

II

Mas o povo clamou novamente:

Ó Espírito da Águas, tem piedade!

E o Espírito ouviu novamente

E o sol apareceu por breve tempo para
aquecer,

Para dar um alento, um respiro

À gente desalojada, arrasada, perplexa.

Mas as águas ainda persistiram por um
tempo,

Um longo tempo que parecia sem fim.

E se proclamou que um novo tempo haveria de

começar,

Recomeçar, reconstruir, sim,

Mas de outro modo, com outros valores,

Aprendidos na solidariedade imensa,
descomunal,

Maior que a força das águas e que o povo
conheceu

Se apropriou, e vai desdobrar, ah, vai!

III

Como então semear Esperança

Diante do CAOS que conhecemos, cujo Rosto
vimos

Com olhos, coração, alma, mente e espírito?

Eis o desafio humano, demasiado humano

Que nos está posto.

E o Espírito das Águas ouviu mais uma vez

Mas afirmou:

É hora de mudar! Radicalmente, sem meias
verdades

Mudar de atitudes, de estilo de vida, de projeto
de Nação, de Mundo!

Eis o clamor do Espírito, eis o grito sufocado

Na garganta de nossa gente ferida, de luto

Que não deixará de sonhar!



CAMPANHA PRIMAVERA PARA A VIDA



IV

A criação inteira geme a um só tempo
Como dores de parto
Geme e suporta angústias sem fim.
E na sombra dela
Também nós gememos e rogamos
Que o Espírito das Águas
O mesmo que se manifestou no princípio,
Escute nossa voz, nosso grito:
Espírito Criador, Espírito de Vida,
Fortalece o povo cansado, desiludido,
Que parece ter perdido a Esperança!
Aguardamos dias melhores,
dias de total reversão,
dias de reconstrução,
dias de radical revolução
desde o íntimo de nossa gente,
no pessoal e no social,
no econômico e no político,
na vida e na morte!
Ó Espírito das Águas,
Levanta os abatidos,
Guarda no teu seio os nossos mortos
E transforma as nossas vidas.
Liberta-nos da cegueira e da impostura
Que nos tornou um povo falido
E faz-nos reviver para a Paz e a Justiça!

Roberto E. Zwetsch- Pastor da IECLB
Pelotas, 12/05/2024



Pastor Nelson Kilpp

Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Teólogo pela Faculdade EST (1973) e doutorado em Teologia pela Universidade de Marburg, Alemanha (1987). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica, atuando principalmente nas disciplinas do Antigo Testamento, Exegese e Hermenêutica bíblicas, História e Cultura do Antigo Oriente.

HISTÓRIAS DE VIDA



HISTÓRIAS DE VIDA

**Resistência no Polo da Borborema:
a luta contra os empreendimentos eólicos**



CAMPANHA
**PRIMAVERA
PARA A VIDA**



Roselita Albuquerque, 53, é uma das vozes mais ativas contra os empreendimentos eólicos na região do Polo da Borborema, na Paraíba. Nascida em uma família de agricultores sem terra, ela conta que a Borborema constrói há três décadas um projeto de desenvolvimento local enraizado na agroecologia, ameaçado pelos complexos eólicos. Com 12 feiras agroecológicas e cinco quitandas, essas iniciativas geram renda e autonomia para mulheres e jovens, promovendo transformações significativas nas condições de vida das famílias.

No entanto, a chegada dos parques eólicos desorganiza os modos de vida tradicionais da comunidade. Além do desmatamento, esses empreendimentos se utilizam de contratos abusivos que prejudicam as famílias da região. Roselita relata que são comuns problemas de saúde, como doenças mentais e de pele devido ao pó das hélices. “Esses empreendimentos necessitam de vastas áreas de terra. Nossas terras são pequenas, de 0 a 10 hectares. Se perdermos essas terras, o que fica para nossos jovens? E a produção de alimentos, importante para a soberania alimentar e o enfrentamento à fome?”, questiona.

Em meio a esse dilema, a comunidade segue se organizando em resistência. Em março de 2023, cerca de 5 mil mulheres marcharam em Montadas (PB), na 14ª Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, destacando os danos dos parques eólicos aos territórios e à agricultura familiar. A ação, apoiada pela CESE, faz parte da resistência contra os impactos dos grandes empreendimentos.

Além dos danos ambientais, os impactos sociais são profundos. As famílias, muitas vezes, enfrentam abordagens abusivas e individualizadas por parte das empresas. Durante a Marcha, foi produzido o documentário “Mulheres em Defesa do Território: Borborema Agroecológica não é Lugar de Parque Eólico”, que retrata esses impactos e a abordagem das empresas.

A resiliência inclui a luta por um modelo de energia renovável descentralizado. Roselita defende que cada família agricultora tenha uma placa solar para produzir e consumir sua própria energia. “Queremos que cada família produza sua energia e venda o excedente, sem desorganizar nossos territórios e modos de vida”, afirma.

Esse ano, as mulheres da Borborema realizaram mais uma marcha. Dessa vez, a 15ª Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia ocorreu em Areial (PB), com o tema “Caatinga Viva, Floresta em Pé”. O movimento reafirmou o valor do semiárido e denunciou o racismo ambiental, evidenciando que as populações negras e marginalizadas são as mais afetadas pelos empreendimentos energéticos. O Polo da Borborema continua sua luta contra as injustiças sócio climáticas e pela defesa do seu território.



Fotos: Acervo Polo da Borborema
Texto de Lucas Santos Dias | CESE

HISTÓRIAS DE VIDA

Pinheiro vivo e de pé: uma experiência de fé, justiça e cuidado socioambiental



CAMPANHA
**PRIMAVERA
PARA A VIDA**



A Igreja Batista do Pinheiro (IBP) celebrou seus 50 anos de história na cidade de Maceió em 2020, enfrentando os desafios da Pandemia de Covid-19 e o horror do maior crime ambiental em área urbana do mundo. O trauma coletivo levou a comunidade IBP a uma revisão profunda da sua missão e visão, integrando de maneira mais contundente em sua missão o compromisso socioambiental. Nessa perspectiva, assume desde 2020 a seguinte Missão: "Cuidar e defender a criação e a dignidade de todas as pessoas, sendo uma comunidade acolhedora e ecumênica que proclama e testemunha o Evangelho de Jesus Cristo de Nazaré que é amor, justiça e paz" e como Visão "Ser uma igreja acolhedora para todas as pessoas, comprometida com o cuidado sustentável da criação e defesa da dignidade humana, que serve e proclama o Evangelho de Jesus, obedecendo sua vocação profética e missionária".

O crime da Braskem em Maceió tornou-se o maior crime socioambiental em solo urbano do mundo, que se revelou em 2018 a partir da identificação de rachaduras no solo e em imóveis na região atingida pela desestabilização do terreno, proveniente da extração de sal-gema. Essa região abrange 05 bairros: Mutange, Farol, Bebedouro, Pinheiro e Bom Parto, que reúnem uma população de mais de 60 mil habitantes, assolada não por um "acidente" ou "desastre natural", mas por uma ação predatória à Natureza em nome do lucro desenfreado e desumano.

A IBP, desde 2018, tem se colocado na linha de frente da luta contra o crime da multinacional Braskem em Maceió, como uma comunidade refugiada ambiental, incorporando de modo mais central à sua missão comunitária e pastoral a demanda dos desafios ambientais e climáticos. A IBP se tornou um espaço de articulação da população atingida, que sediou reuniões de associações de moradores, trazendo os órgãos públicos e seus representantes, os especialistas e pesquisadores.

A IBP foi sede do Programa Posse Legal do Ministério Público e do Tribunal de Justiça de Alagoas para regularização dos imóveis da população mais vulnerabilizada. Também foi sede de um posto de atendimento da Defesa Civil Municipal para toda a população atingida. A IBP organizou e coordenou reunião de lideranças religiosas dos bairros atingidos para organizar ações conjuntas, como foi o Ato Religioso em prol do bairro do Pinheiro.



A pandemia de Covid-19 interrompeu todo o processo de organização popular e comunitária que vinha sendo construído na IBP. Ao retornar com as atividades presenciais, depois do controle da pandemia, a população já havia sido em grande número realocada e desmobilizada. Mas, a IBP continuou sua luta, animando e organizando a resistência sem ceder à Braskem e atuando em diversas frentes de resistência e denúncia.

Em 2021, houve uma importante vitória: a IBP conseguiu, a partir de suas articulações sociopolíticas, ser declarada como Patrimônio Material e Imaterial do estado de Alagoas, com o tombamento do seu templo, passo importante na luta por memória e justiça.

Em 2023, já em um território em ruínas, foi realizada pela juventude da IBP a Conferência "O que pode brotar das Ruínas? Fé, justiça e cuidado socioambiental na Vida comunitária", em parceria com a Aliança de Batistas do Brasil e apoio da CESE. Fruto da Conferência, brotaram dois importantes frutos: Uma pastoral socioambiental da IBP e o projeto da horta comunitária da Igreja Batista do Pinheiro, como atividade prática resultante desse espaço de diálogo e reflexão, que também marcou a formalização da Pastoral Ambiental da IBP. A horta agroecológica que respeita a biodiversidade presente nos plantios pretende expandir sua atuação como um espaço de ações de Educação Ambiental no território devastado pelo crime ambiental da Braskem.

Em dezembro de 2023, em razão do iminente colapso da mina 18, a IBP teve seu templo interditado e perdeu o direito de acesso a seu espaço de culto e atividades. A solução imediata foi a realização de cultos itinerantes nas casas de membros da igreja e em auditórios de sindicatos. Após 3 meses, a igreja alugou uma casa no bairro do Pinheiro, numa região que a Braskem até então não mostrou interesse em sinalizar como perigosa e indenizar. Assim, a igreja segue ativa neste novo endereço como Casa IBP e mantém um projeto de Horta Comunitária em um terreno em frente ao templo da igreja.

A IBP é a única e última instituição que permanece no território dos bairros atingidos pela mineradora Braskem, assumindo como sua principal bandeira de luta a permanência no bairro com o grito "Pinheiro Vivo e de Pé". A resistência da IBP por um Pinheiro Vivo e de Pé em um território em ruínas é um grito permanente de denúncia profética frente ao maior crime socioambiental em solo urbano do mundo.



Matéria produzida pelo Jornal Brasil de Fato:

Crime da Braskem: Igreja Batista do Pinheiro, patrimônio material e imaterial de Alagoas, luta para voltar ao bairro e não virar posse da mineradora.

<https://www.brasildefato.com.br/2024/06/18/crime-da-braskem-igreja-batista-do-pinheiro-patrimonio-material-e-imaterial-de-alagoas-luta-para-voltar-ao-bairro-e-nao-virar-posse-da-mineradora>



Fotos: Acervo Igreja do Pinheiro

Texto: Pastora Odja Barros | Igreja Batista do Pinheiro | ABB

HISTÓRIAS DE VIDA

Biodigestor sertanejo na agricultura familiar



CAMPANHA
**PRIMAVERA
PARA A VIDA**



A Diaconia é uma organização da sociedade civil baseada em Recife, Pernambuco. Atuando em diversas frentes na defesa de direitos, recentemente recebeu o prêmio mundial da Indústria do Biogás na categoria "Micro Iniciativas". Esta honraria foi concedida durante a Feira Mundial de Biogás no Reino Unido, em reconhecimento ao impacto transformador do Biodigestor Sertanejo, uma tecnologia promovida pela organização, que converte dejetos animais em biogás e fertilizante biológico.

O Biodigestor Sertanejo, como ficou conhecido, foi adaptado a partir de modelos indianos e ajustado para as necessidades específicas do Nordeste brasileiro, especialmente da região do Semiárido, exposta a diversas vulnerabilidades. Waneska Bonfim, coordenadora político-pedagógica da Diaconia, enfatiza o significado do projeto, que promove sustentabilidade e fortalecimento da economia local: "Estamos construindo nossa missão de promover soluções que integrem a sustentabilidade ambiental com a justiça social. O Biodigestor Sertanejo é uma ferramenta poderosa que mostra como podemos transformar resíduos em recursos valiosos, apoiando tanto a economia local quanto o meio ambiente»

Desde o início da implementação, a Diaconia construiu cerca de 800 unidades, que têm gerado aproximadamente 3 mil metros cúbicos de biogás. Em total, mais de duas mil unidades foram instaladas no Brasil, beneficiando 70 municípios e 300 comunidades rurais. Além disso, outras organizações têm adotado o modelo, ampliando ainda mais seu impacto. A tecnologia permite a geração de fontes de renda através da venda de biofertilizantes e alimentos produzidos com biogás. Também fortalece a segurança alimentar e melhora a qualidade de vida ao oferecer acesso a energia limpa e saneamento básico. Além disso, a tecnologia reduz a carga de trabalho das mulheres e promove a igualdade de gênero.

A Diaconia realizou uma análise dos impactos do projeto em colaboração com o Instituto 17, destacando os benefícios em vários Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Entre os resultados estão: a melhoria da saúde e bem-estar das comunidades, o acesso à energia limpa e o avanço na gestão de resíduos orgânicos, que contribui para a conservação do ecossistema local e para o combate às mudanças climáticas.

Entre as pessoas impactadas pela iniciativa está Maria do Socorro Amaral, moradora de Sítio Pereiras, área rural do município de Afogados da Ingazeira, Pernambuco. Ela destaca:



O biodigestor na minha vida foi um verdadeiro milagre. Nós somos famílias com poucas condições financeiras e o biodigestor chegou em nossas vidas faz 3 anos com uma diferença imensa porque, através da tecnologia do biodigestor, eu aprendi várias coisas. Não somente a economia, porque agora com biogás eu já não preciso mais comprar um botijão todos os meses, mas também porque eu aprendi que estou ajudando o meio ambiente com esse pouco que eu retiro dos dejetos dos animais. Eu jamais iria saber que assim estou ajudando também a camada de ozônio.



Crédito 1: Acervo Diaconia
Crédito 2: © Thomas Lohnes
Texto de Waneska Bonfim | Diaconia

HISTÓRIAS DE VIDA

Pescadores/as artesanais pela justiça socioambiental no oeste da Bahia



CAMPANHA
PRIMAVERA
PARA A VIDA



Desde a sua fundação, em novembro de 2019, a APARIOGRANDE (Associação de Pescadores Artesanais da Bacia do Rio Grande) tem se dedicado à proteção de um dos maiores patrimônios naturais do Oeste da Bahia: o Rio Grande. Com o objetivo de fortalecer a pesca artesanal e enfrentar os crescentes desafios ambientais, a APA tem se tornado uma voz essencial na luta pela justiça socioambiental.

O Rio Grande, um importante afluente do Rio São Francisco, desempenhou um papel crucial na história local como via de navegação. No entanto, hoje, o rio enfrenta sérios problemas causados pela expansão do agronegócio e pela poluição que ameaçam diretamente o modo de vida das comunidades ribeirinhas. Fernanda Henn, presidente da APA, destaca: "A degradação ambiental não compromete apenas a qualidade da água, mas também coloca em risco a cultura e as tradições das famílias que dependem do rio."

Apesar das limitações de recursos e infraestrutura, a APA tem se esforçado para mobilizar as comunidades locais e chamar a atenção para a situação crítica do rio. "Nossa missão é garantir que a voz dos pescadores artesanais e das comunidades ribeirinhas seja ouvida e que possamos promover mudanças reais para a preservação do nosso rio," afirma Fernanda.

Através do edital promovido pela CESE "Entre os campos e as cidades: Justiça Socioambiental e Climática como Defesa de Direitos", a organização recebeu suporte para realizar uma expedição que culminou no documentário "Expedição Rio Grande: Vivência de Pescador". Este filme não apenas registra a realidade enfrentada pelas comunidades ribeirinhas, mas também serve como incidência política para a ação. O documentário oferece uma visão profunda sobre a situação do rio e a luta dos/as pescadores/as, destacando a importância de preservar este recurso vital para as futuras gerações. O projeto também contou com a parceria da Agência 10Envolvimento, do Consid (Consórcio Multifinalitário do Oeste da Bahia) e da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB.

Documentário Expedição Rio Grande: Vivência de Pescador:



Fernanda destaca:



A nossa luta é por um futuro onde o Rio Grande continue a ser uma fonte de vida e sustento para as próximas gerações. É um trabalho árduo, mas acreditamos que, com o apoio e a consciência de todos, podemos fazer a diferença.



Créditos: Acervo APARIOGRANDE
Texto de Lucas Santos Dias | CESE

HISTÓRIAS DE VIDA

Cartografia e a justiça socioclimática
no médio São Francisco



CAMPANHA
PRIMAVERA
PARA A VIDA



A crise hídrica na região do Médio São Francisco tem tido um impacto devastador, comprometendo o cultivo das terras, as tradições culturais e as práticas religiosas da comunidade. A escassez de água já afeta cerca de 50% das atividades agrícolas e culturais, levando à migração de muitas famílias e colocando em risco o modo de vida local. Por conta dessa realidade, a comunidade contribuiu na cartografia social, pela Pastoral do Meio Ambiente da Diocese de Bom Jesus da Lapa, através de projeto apoiado pela CESE no Programa de Pequenos Projetos e em parceria com professores do Instituto Federal Baiano de Valença e Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro. Esta ferramenta ajudou a revelar com mais clareza os desafios que enfrentam, destacando a degradação dos recursos naturais e culturais ao longo do tempo.

Elziene de Abreu Queiroz, 31, é uma liderança na comunidade de Porco Branco, no Fecho do Poço de Dentro, em Santa Maria da Vitória, Bahia. Para Elziene, a cartografia proporcionou uma nova visão sobre a realidade local e os riscos futuros, mostrando a necessidade urgente de ação. Ela está especialmente preocupada com o futuro de seu filho e das próximas gerações, questionando se eles poderão continuar vivendo na terra onde cresceu e mantendo suas tradições culturais diante das pressões externas.

A iniciativa visou a preservação dos rios e a sustentabilidade ambiental, essenciais para a sobrevivência das comunidades ribeirinhas. A militante destaca:



Depois da cartografia temos uma visão diferente, ela trouxe um choque de realidade primeiro para quem atuou, porque através dela fizemos uma volta ao passado e construímos em nossa mente um antes e um agora. Em alguns casos, olhamos também fotografias de como eram as nossas riquezas.



Elziene conta que o projeto foi fundamental para unir diversos movimentos sociais na região, como a PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular), CPT (Comissão Pastoral da Terra), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Fundo e Fecho de Pasto, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Esse trabalho em coletividade fortaleceu a resistência em defesa dos recursos naturais e da vida comunitária. A liderança e sua comunidade continuam lutando para garantir que as futuras gerações possam viver em uma terra onde a justiça social e a sustentabilidade sejam prioridades, mantendo a identidade e os recursos necessários para a preservação dos modos de vida com dignidade.



Créditos: Acervo Pastoral do Meio Ambiente da Diocese de Bom Jesus da Lapa/BA
Texto: Isidora Gonçalves - Pastoral do Meio Ambiente da Diocese de Bom Jesus da Lapa/BA e Lucas Santos Dias | CESE

HISTÓRIAS DE VIDA

Das palafitas à construção do
Observatório do Racismo Ambiental



CAMPANHA
PRIMAVERA
PARA A VIDA



Partindo do princípio de utilizar a nossa realidade como laboratório vivo, Alagados, em Salvador/BA, torna-se emblemático para narrar o racismo ambiental. Você conhece a nossa história!? Muitos de nós, itapagipanos, vivenciamos um território autoconstruído, ou seja, bairros como Uruguai, Vila Rui Barbosa/Jardim Cruzeiro, Massaranduba, Mangueira foram constituídos em cima d'água, formando um conjunto de ocupações ao longo da Enseada dos Tainheiros, uma área de mangue, onde eram erguidas as palafitas.

As palafitas eram a única condição de habitação que as pessoas que foram atraídas para o território em busca de emprego e melhor qualidade de vida tinham para morar. Era este mesmo lugar onde muitas famílias complementavam a renda e matavam a fome devido ao acesso direto aos frutos do mar, uma vez que as casas eram construídas sobre uma área de mangue.

Formada majoritariamente por mulheres negras, Itapagipe foi, ao longo de décadas, se transformando: a cidade das águas e palafitas foi dando lugar a sucessivos aterros. O lixo da cidade alta de Salvador era encaminhado para o território como forma de aterrar e construir as áreas sólidas, tornando Alagados o primeiro lixo da capital baiana. Os itapagipanos e as organizações que existiam no território entendiam que não era possível viver com tal situação, era necessário agir de forma conjunta para a garantia de direitos e incidir também em políticas públicas básicas, no primeiro momento, e, posteriormente, incidir em políticas específicas. Naquele momento o que importava era a melhoria da qualidade de vida. Assim, funda-se a Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe (CAMMPI).

Era nítido que tais situações e negações de direitos não aconteciam só em Itapagipe. O que se percebeu é que isso acontecia em outras regiões da cidade de Salvador, mas o que se tinha em comum!? Essas regiões eram formadas majoritariamente por pessoas negras. Mas Salvador não é a cidade mais negra fora do continente africano? Como discutir todas as desigualdades que a população negra sofre, entendendo que não era meramente pelo acaso?

A ONG Centro de Arte e Meio Ambiente – CAMA, juntamente com a rede CAMMPI desenvolve então uma tecnologia para dialogar com o mundo, ou seja, com a população urbana, do campo, da floresta e das águas - o Observatório do Racismo Ambiental - que surge com o intuito de externalizar as condições de vida da população negra e as violações de direitos que nos acometem.



Enquanto mulher negra e pesquisadora do Observatório do Racismo Ambiental (ORA), acredito que o ORA tem um papel que é de apresentar para a sociedade que muitas das situações que passamos, vivenciamos e a temporalidade dessas condições são Racismo Ambiental. É necessário construir conceitos com os territórios para que possam identificar as violações de direitos e propor alternativas de forma conjunta. Sobre os próximos passos para o Observatório é buscar parcerias para captação de recursos para que essa iniciativa seja possível de ser replicada em outros bairros, em outros territórios negros do Brasil.



O CAMA trabalha na mudança de cenas como a da foto acima.

Créditos: Ana Carine - CAMA

Texto de Ana Carine - Centro de Arte e Meio Ambiente – CAMA

HISTÓRIAS DE VIDA

Observatório do Rio Utinga¹



CAMPAÑA
PRIMAVERA
PARA A VIDA



O Rio Utinga, que banha boa parte dos territórios da Chapada Diamantina/BA, é vital, especialmente para as cidades de Utinga, Wagner e Bonito. Ele é um dos principais cursos d'água da região, sendo essencial para a vida e sustento de muitas/os agricultoras/es familiares e comunidades tradicionais que habitam ao longo de suas margens. Detendo uma rica biodiversidade que sustenta todo um ecossistema, caracteriza-se como importante elo junto à natureza, às manifestações culturais e à economia das populações locais.

No entanto, o Rio Utinga enfrenta uma série de desafios e conflitos pondo em risco sua bacia hidrográfica, que abrange aproximadamente 3000 km², o que afeta diretamente a segurança física, econômica e alimentar daqueles que dele dependem. Neste cenário estão, de um lado, as comunidades que, ao longo dos anos, vêm perdendo sua autonomia hídrica e, do outro, os grandes produtores de monocultura, especialmente de banana. Esse tipo de produção frequentemente utiliza métodos que demandam uma grande quantidade de água, resultando na diminuição da vazão do rio. A prática de monocultura, predominante na região e voltada para a lógica do lucro imediato, desconsidera a capacidade de renovação dos recursos naturais e ignora os danos socioambientais a curto, médio e longo prazo. Se junta a isso a ausência de políticas públicas eficazes para regular essas atividades agrícolas, o que agrava ainda mais a situação, deixando o Rio Utinga vulnerável e prejudicando quem mais precisa.

Cabe aqui destacar o papel essencial do povo indígena Payayá na defesa do Rio Utinga que, com os seus conhecimentos ancestrais, manejo sustentável da terra e dos recursos naturais, conserva o ecossistema local. Esse povo tem sido guardião do rio, protegendo suas margens e assegurando a sua preservação .

Diante da necessidade de um instrumento preocupado com essas problemáticas, o Observatório do Rio Utinga nasce a partir de uma iniciativa da Pacová e seus parceiros locais, entendendo que o debate em torno das questões socioambientais é uma urgência. Tendo como objetivo a preservação e proteção do rio e das comunidades circundantes, nossa abordagem envolve o monitoramento contínuo das políticas públicas, projetos de lei e publicações relacionadas ao Rio Utinga.



Além da realização de pesquisas, lançamos publicações sobre as ameaças socioambientais que afetam o Rio Utinga. Um espaço de produção de dados é essencial para entender a extensão dos problemas e identificar as melhores estratégias para enfrentá-los. Com uma equipe de 14 pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, o Observatório do Rio Utinga conta com a colaboração de pessoas que trazem diferentes perspectivas e habilidades para nossas análises e ações.

Além da produção de conhecimento, o Observatório se dedica a influenciar positivamente as políticas públicas por meio de atividades de advocacy. Desenvolvemos e implementamos estratégias de incidência política que visam promover leis e regulamentações que favoreçam a proteção do Rio Utinga e garantam os direitos das comunidades que dependem dele. Trabalhamos em estreita colaboração com organizações de base para garantir que as vozes das comunidades sejam ouvidas neste processo e que suas necessidades sejam levadas em consideração nos processos de tomada de decisão.

Por fim, acompanhamos e avaliamos continuamente o impacto de nossas ações para garantir que estamos alcançando nossos objetivos e fazendo a diferença na preservação do Rio Utinga. Essa avaliação constante nos permite ajustar nossas estratégias e métodos conforme necessário, assegurando que nossas iniciativas permaneçam eficazes e relevantes diante dos desafios socioambientais que enfrentamos. Nosso compromisso é com um futuro onde o Rio Utinga e suas margens sejam preservadas e que as comunidades locais saiam fortalecidas. Acreditamos que, por meio de um trabalho colaborativo, fundamentado em pesquisa e guiado pelos princípios da justiça socioambiental, transparência e engajamento comunitário, podemos contribuir para a proteção deste importante rio e promover um futuro mais justo e sustentável para todas/os.





Créditos: Acervo Folha da Chapada

Texto: Albert França², Joseane de Jesus dos Santos³ e Davy Levy Ferreira Rodrigues⁴

¹ O material foi desenvolvido com base na nossa pesquisa em andamento sobre os conflitos socioambientais na bacia do Rio Utinga.

² Estudante e ativista engajado há sete anos nas lutas sociais, militante do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), Coordenador da Pacová – Articulação de Cooperação do Campo à Cidade e Pesquisador do Programa Saberes da Rede Comuá. Tem se dedicado intensamente à causa da justiça social.

³ Mulher negra, Bacharelanda Interdisciplinar em Humanidades, Pesquisadora do Observatório do Rio Utinga e Educadora Popular. Ativista pelo direito das mulheres negras e pela justiça socioambiental e mãe de Dandara.

⁴ Graduando em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Militante dos movimentos sociais, atua como Pesquisador do Observatório do Rio Utinga e Coordenador Adjunto de Articulação Política da Pacová. Educador Popular e Coordenador-geral do Cursinho Popular Milton Santos.

HISTÓRIAS DE VIDA

O drama dos Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul



CAMPANHA
PRIMAVERA
PARA A VIDA

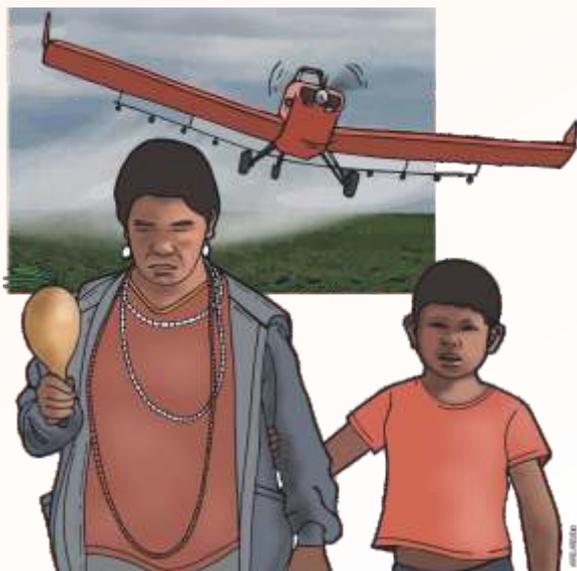


Uma imagem aérea mostra um cenário arrasado. Algumas moradias provisórias ao centro cobertas por lonas e nenhum sinal de água por perto. A luz incontestável do Sol denuncia o calor escaldante nas marcas irregulares e paralelas de um chão sofrido, vítima do peso das máquinas e incontáveis banhos de veneno. Ali, a soja já havia sido colhida. Restou apenas um chão regado a agrotóxicos e sangue de um povo conhecido por sua fé.

Tão dura quanto de fato é, esta é uma imagem que persegue os Guarani e Kaiowá do Mato Grosso do Sul. Sem demarcação ou nenhum tipo de reconhecimento oficial de suas terras, o povo indígena recorre à recuperação de seus territórios através da luta, retomando áreas que hoje estão sobrepostas por fazendas. Toda essa luta acontece em um estado onde a truculência do agronegócio está sempre acompanhada pela certeza de impunidade.

Foi exatamente nesse contexto que a onda de violência voltou a crescer no Mato Grosso do Sul. No dia 13 de julho de 2024, um grupo Guarani e Kaiowá ocupou uma área da Terra Indígena Panambi-Lagoa Rica, na cidade de Douradina. A Terra, hoje invadida por uma fazenda, já é reconhecida e delimitada, porém tem o seu processo de demarcação travado desde 2011.

Circulam na internet vídeos de caminhonetes rondando a área e jagunços atirando contra os indígenas - um deles aparece ferido. Relatos dão conta de que os pistoleiros passam o dia inteiro, a algumas dezenas de metros da retomada, hostilizando, apontando faróis e mesmo armas em direção aos Guarani e Kaiowá. Segundo matéria do Brasil de Fato, esta é uma das 12 retomadas atacadas por fazendeiros no estado, apenas em julho.



BRASIL DE FATO



Fé no fim

É esse cenário de impunidade permanente que tem levado anciãos e anciãs Guarani e Kaiowá a orarem pelo fim de suas vidas. É o que conta Erileide Domingues, uma liderança do povo. Em meio às denúncias, das quais não abre mão, a jovem tem expressado sua preocupação com o fato porque essas pessoas são, além de tudo, as guardiãs de toda a sabedoria ancestral de seu povo.

"Através de suas rezas, eles pedem a Deus para que tire suas almas desta terra. Que as levem embora para não verem mais sofrimento, não sofrerem mais. E isso acontece cada vez mais. Os anciãos e anciãs estão nos deixando, levando com eles os 'livros' de conhecimentos tradicionais", desabafa.

Ela afirma que o seu avô sempre desabafa sobre sua ansiedade de ver sua Terra demarcada. "Eu me preocupo com meu avô. Ele tem 105 anos e fala a mesma coisa que os outros, sobre não estar mais aqui. 'Eu não aguento mais esperar. Quando será que vão entregar a nossa terra?', ele diz. É uma herança que ele quer deixar para nós. Então, como jovem, eu estou ali junto dele", relata.

O agro, o clima e os Guarani e Kaiowá

A jovem indígena vive em uma área de 50 hectares. Ela afirma que estudos apontam o tamanho real da sua terra por volta dos 11 mil hectares, não reconhecidos pelo Estado. Assim como as outras retomadas, a sua está cercada pelo agronegócio e suas monoculturas – de soja, milho ou cana. O impacto que este violento conjunto tem causado ao povo Guarani e Kaiowá atinge diretamente tanto seus corpos quanto seus territórios.

O desmatamento para criação de novas áreas de monocultura, abertura de pastos para criação de gado, seja pelo fogo dos incêndios criminosos, seja pelos 'correntões' - que, quando passam, levam desde árvores centenárias a cemitérios que guardam vidas e significados ancestrais -, o envenenamento do solo e das águas dos rios, dos lençóis freáticos, tudo isso é causa da crise climática. E tudo isso faz parte do repertório do agro.

Elineide pontua que os dias já não são mais os mesmos. O clima mudou. O calor está mais forte, assim como o frio. O desmatamento, os agrotóxicos e a seca das águas têm deixado seu povo sem comida e sem recursos para produzir. Sementes estão se acabando. Assim como outros povos e comunidades tradicionais por todo o Brasil, ela sente na pele as consequências de algo pelo qual ela não é responsável.

"A natureza vai agir, mas não vai ser somente em cima daqueles que a destruíram. Vai ser para todos. Nós temos que recuperar o meio ambiente, o mais rápido possível. Plantar. Não importa quanto ou o que você vai plantar. Reflorestar nossas mentes e a própria terra. Sem isso, não conseguimos ter soluções", finaliza.



Foto 1: Moradias na Retomada Aratikuty, em Dourados (MS). 2022

Foto 2: Nhanderus e Nhandesys rezam ao redor do túmulo de Vitor Rodrigues, morto pela Polícia Militar durante retomada do Tekoha Guapo'y Mirim

Texto e fotos de Tarcilo Santana | CESE



A justiça climática é fundamental no processo de transição para um futuro de baixo carbono no Brasil, pois nos convoca a priorizar o desenvolvimento humano e a inclusão social, enfrentando as desigualdades históricas e fortalecendo a democracia. Coloca no centro da discussão o respeito e valorização de toda vida humana. Em um país com imensa diversidade cultural e profundas disparidades, a justiça climática não apenas pode assegurar que os direitos e conhecimentos de populações historicamente invisibilizadas e negligenciadas sejam reconhecidos, mas também abre um caminho de restauração de direitos e integração de suas perspectivas na elaboração e implementação de políticas e ações climáticas.

O Instituto Clima e Sociedade (ICS) é uma organização da sociedade civil que atua diretamente neste lugar. Fortalecemos organizações dedicadas a criar condições para uma participação ativa e a incidência efetiva das populações indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais na agenda do clima. Assim, as populações mais afetadas pelos eventos climáticos extremos são capazes de contribuir para que as estratégias de mitigação e adaptação sejam mais eficazes e representativas. Garantir que diferentes vozes sejam ouvidas e respeitadas contribui para ações climáticas mais justas que fortalecem a democracia no Brasil. Neste lugar, olhar para a agenda climática através da lente da justiça climática é esperar um futuro mais equitativo, onde todas as vidas importam e devem ser preservadas.



Maira Fainguelernt

Especialista em Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Eixo Agentes de Mudança para a Ação Climática do Instituto Clima e Sociedade (ICS)

João Pedro Rocha

Coordenador de Parcerias do Instituto Clima e Sociedade (ICS)





"Há quase duas décadas, o Fundo Casa Socioambiental tem apoiado comunidades locais e tradicionais, para que estas se tornem protagonistas nos processos de transformação em seus territórios. Essas ações geram soluções inovadoras para os desafios sociais e ambientais enfrentados por essas populações, que, mesmo diante de adversidades, desempenham um papel essencial na preservação dos ecossistemas e biomas, cruciais tanto para a humanidade quanto para o equilíbrio climático global.

Por muito tempo, acreditou-se que as respostas para os efeitos das mudanças climáticas viriam exclusivamente das academias e da ciência. Hoje, está provado que uma parte significativa dessa solução está nas mãos das comunidades locais, especialmente das populações tradicionais, cujo modo de vida está intrinsecamente ligado à natureza. Os projetos apoiados pelo Fundo Casa evidenciam o potencial e a importância dessas iniciativas, mostrando o quanto elas podem nos ensinar sobre como garantir que a humanidade continue habitando de forma sustentável nossa casa comum. Fundos locais, territoriais e ativistas são uma peça importante na arquitetura do financiamento, pois propiciam que o dinheiro fique mais próximo das comunidades, podendo chegar com mais agilidade, confiança e de forma menos burocrática."



Cristina Orpheo

Diretora executiva do Fundo Casa Socioambiental





Baixe a publicação em pdf no site da CESE e no QR CODE ABAIXO:

www.cese.org.br

